



# Infraestruturas de globalização e escalas em paisagens linguísticas: camadas complexas reordenando o binarismo urbano-rural

## Infrastructures of globalization and scales in linguistic landscapes: complex layers re-ordering the urban-rural binarism

*Thaís Elizabeth Pereira BATISTA\**

*Joana Plaza PINTO\*\**

---

**RESUMO:** Nosso artigo busca analisar paisagens linguísticas visíveis em espaços públicos em dois diferentes contextos, levando-se em consideração os efeitos da globalização nas diferenças entre os grupos pressupostas pela tradição variacionista. Um dos contextos é uma área urbana de médio porte, a cidade de Anápolis-GO. O outro é uma comunidade quilombola (remanescentes de africanos escravizados resistentes), em área rural com muitos índices de globalização, como turismo ecológico e turismo de herança. Ambos os contextos estão no bioma Cerrado no Centro-oeste brasileiro. Discutimos de que maneira infraestruturas de globalização interferem nas paisagens linguísticas e como isso influencia os contextos. Usamos ferramentas teóricas da Sociolinguística da Mobilidade, que considera formas complexas de mobilidade de pessoas e disseminação de informações em grande velocidade e seus impactos na complexidade e

---

**ABSTRACT:** Our paper aims to analyze linguistic landscapes visible in public spaces in two different contexts, in considering the effects of globalization on groups' differences presupposed by the variationist tradition. One of the contexts is a midsize urban area, the city of Anápolis, GO. The other is a quilombola (remaining heirs of resistant enslaved Africans) community in a rural area including many globalization's indexes, as eco-tourism and heritage tourism. Both contexts are in Cerrado biome in the Brazilian Midwest. We discuss how infrastructures of globalization interfere with linguistic landscapes and how it influences the contexts. We use theoretical tools of Sociolinguistics of Mobility, that considers global complex forms of people mobility and high-speed dissemination of information and its impacts on complexity and unpredictability of linguistic practices. Scale is used to analyze the linguistic landscapes in visual empirical data

---

---

\* Mestra em Letras e Linguística (UFG), doutoranda em Letras e Linguística na Faculdade de Letras da UFG, Bolsista da CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3439-8363>. [thaiselizpbatista@gmail.com](mailto:thaiselizpbatista@gmail.com).

\*\* Doutora em Linguística (UNICAMP), professora titular na Faculdade de Letras da UFG, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8052-9390>. [joplazapinto@ufg.br](mailto:joplazapinto@ufg.br).

---

imprevisibilidade das práticas linguísticas. Escala é utilizada para analisar as paisagens linguísticas nos dados empíricos visuais. A análise mostra que as paisagens linguísticas convergem em muitos aspectos, apresentando diferenças e semelhanças. Com isso, a estabilidade do binarismo rural-urbano é desafiada pela reordenação de camadas escalares de interação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagens Linguísticas. Escala. Infraestrutura. Globalização. Rural/ Urbano.

generated. The analysis shows that the linguistic landscapes converge in many aspects, exhibiting differences and similarities. Thus, the rural-urban binary stability is challenge by the reordering of interactional scalar layers.

**KEYWORDS:** Linguistic Landscapes. Scale. Infrastructure. Globalization. Rural/ Urban.

---

## 1 Introdução

Este artigo analisa paisagens linguísticas como representações e exibições da escrita na esfera pública em sua correlação com as variações e hierarquizações das práticas linguísticas (SHOHAMY; GORTER, 2009), incluindo a presença pública de “pedaços de língua ” como indícios da complexidade linguística e das dinâmicas de linguagem no espaço sob análise (BLOMMAERT, 2010; 2013, 2016; BLOMMAERT; MALY, 2014) em dois contextos no estado de Goiás. Os contextos selecionados são ambos ambientes escolares e suas imediações em duas localidades. Uma escola está em um povoado quilombola situado na área rural da cidade de Cavalcante-GO, na região nordeste do estado. A outra escola se situa na área urbana do terceiro mais populoso município do estado, Anápolis-GO, na região central, a pouco mais de 50 km da capital goiana e a pouco mais de 150 km da capital federal.

Apresenta-se aqui uma análise das marcas materiais linguísticas e de infraestrutura do mundo globalizado (WANG *et al.*, 2014) nas proximidades de ambientes escolares nas duas localidades diferentes, investigando os elementos globais e locais que compõem suas paisagens linguísticas. Por meio do estudo de tais

paisagens, busca-se compreender como elementos característicos da globalização<sup>1</sup>, como as tecnologias de comunicação, estão presentes nas paisagens linguísticas em locais considerados pelos estudos sociolinguísticos como opostos (urbano X rural). Por meio de uma análise de imagens disponíveis em ambiente *online* e *offline* (BLOMMAERT; VARIS 2015), observa-se o potencial analítico desse tipo de material para os estudos da linguagem.

Para isso, as ferramentas teórico-analíticas utilizadas pertencem à sociolinguística da globalização, centrando-se nos estudos de paisagens linguísticas (BLOMMAERT, 2010, 2013, 2015, 2016) e globalização nas margens (BLOMMAERT, 2014; JACQUEMET, 2016; WANG *et al.*, 2014). Pensando no que tradicionalmente vêm nos dizendo os estudos linguísticos no que se refere às diferenças dialetais, buscou-se uma investigação das práticas linguísticas escritas e semiotizadas, paisagens linguísticas, em dois contextos considerados em oposição por grande parte desses estudos: uma área rural e uma urbana. No entanto, amparando-se nos estudos de paisagens linguísticas e de sociolinguística na globalização, identificou-se que muitos dos elementos de práticas linguísticas interacionais globais estavam presentes em ambos os contextos por meio de ícones e textos escritos nos espaços públicos. Tal percepção despertou o interesse em investigar como tais elementos influenciam a composição das paisagens linguísticas dos campos de pesquisa e as interações nelas encontradas. O interesse em analisar tais práticas linguísticas levou à necessidade de reflexão sobre a existência de semelhanças entre os dois campos e não apenas de suas diferenças como tem sido comum em vários estudos.

---

<sup>1</sup> Neste artigo o termo globalização está sendo usado no sentido de globalização geocultural (BLOMMAERT, 2010) que leva em consideração os impactos culturais desencadeados pela intensificação dos processos capitalistas e pelo fim da Guerra Fria que levaram a duas consequências: aumento da mobilidade global por meio de formas mais complexas de migração e aumento da propagação das tecnologias de comunicação globais, principalmente por meio da *internet*.

Nosso interesse não é estudar as duas localidades propondo qualquer visão homogeneizante ou totalizante, nem focar em aspectos específicos do ambiente escolar, como em estudos sobre a relação escola-espço quilombola (cf. PARÉ; OLIVEIRA; VELLOSO, 2007) ou estudos sobre a relação curso técnico-letramento (cf. CORRÊA; DIAS, 2016), mas sim focar nas complexidades das camadas de índices nas paisagens linguísticas. A escolha do ambiente escolar e suas imediações como *locus* de pesquisa se deu com base em estudos de interação já realizados, como é o caso do trabalho de Rampton (2006) no qual ele estuda a estilização na fala de jovens estudantes londrinos, argumentando, com base em alguns outros estudos, que jovens são mais “sensíveis às mudanças culturais”<sup>2</sup> (p. 379).

O tipo de análise a que esta pesquisa se propõe é importante para entender melhor a diversidade linguística. Também é importante por considerar o estudo das produções linguísticas e semióticas nos espaços públicos como ferramenta relevante para a compreensão das práticas linguísticas localizadas em campos diversos (SHOHAMY; GORTER, 2009), podendo entender como elementos externos, como índices de globalização (BLOMMAERT, 2013), podem estar presentes em ambientes inesperados e menos estudados sob esta ótica, como é o caso do ambiente rural (WANG *et al.*, 2015). Com a comparação entre tais campos, percebeu-se a presença de jovens de mesma faixa etária, com diferença de herança cultural e sócio-histórica, diferenças de etnias e de vivência, mas com o compartilhamento do ambiente escolar no Estado de Goiás e inserção nas práticas culturais do mundo globalizado contemporâneo com suas novas tecnologias de informação, comunicação e trânsito.

Trata-se de uma análise que se realizou a partir de pesquisa de campo com base em observações etnográficas (BLOMMAERT; VARIS, 2015), que parte dos dados para a teoria, pois prezamos pelo compromisso com a empiria, considerando que estudos do campo aplicado da linguagem, como é o caso dos estudos de paisagens linguísticas

---

<sup>2</sup> No original: “responsive to the cultural changes”.

(SHOHAMY; GORTER, 2009), precisam realizar análises que partam do problema para a escolha dos modelos de análise e não o contrário (PINTO, 2015).

Os dados aqui analisados foram gerados em contexto de uma pesquisa realizada entre 2013 e 2016 (BATISTA, 2015; 2016), no interior e nas imediações de duas escolas e também em ambiente *online*, como páginas na *internet*. A pesquisa foi submetida ao e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG sob o registro 23404013.2.0000.5083 na Plataforma Brasil.

A escola situada na zona rural do município de Cavalcante-GO pertence à comunidade quilombola Engenho II, localizada a 25 km de distância da cidade mais próxima. A comunidade pertence ao território do povo denominado Kalunga, remanescentes de ex-escravizados resistentes que se refugiavam em aldeamentos de difícil acesso para lutar contra o regime de escravidão e colonização, transformando seu território num símbolo e “instrumento ideológico contra as formas de opressão” (NASCIMENTO, 2007, p. 122) e permanecendo em luta ainda hoje (BISPO DOS SANTOS, 2015). A escola situada na zona urbana do município de Anápolis-GO é o Instituto Federal de Educação Tecnológica de Goiás (IFG – Campus Anápolis) e localiza-se em uma região periférica da cidade, próxima a rodovias de ligação com outras cidades. Ambos os campos estão situados no interior do Centro-Oeste brasileiro.

A seleção de campos com as nomeações de “área rural” e “área urbana” baseou-se na tradição dos estudos linguísticos, sobretudo os de orientação na sociolinguística variacionista (FREITAG, 2014; PRETI, 2003; SILVA; SCHERRE, 1996), que defende que comunidades compartilham determinadas práticas linguísticas e que essas práticas se alteram conforme as demarcações de fronteiras geográficas. Esta pesquisa confrontou os resultados para refletir sobre esse tipo de escolha de campo, como mostraremos na análise.

As ferramentas metodológicas adotadas para a realização da pesquisa foram registro fotográfico de paisagens linguísticas, além de observação e anotação em caderno de campo (BLOMMAERT, 2010).

Este artigo está dividido em mais quatro partes: pressupostos teóricos, metodologia, resultados e discussão, e conclusões. Nos pressupostos teóricos serão abordadas referências sobre os estudos de paisagens linguísticas e seu potencial analítico para as pesquisas na área de linguística. Na metodologia será apresentada a forma como os dados aqui analisados foram gerados no contexto da pesquisa, com base no referencial metodológico adotado, e introduzindo os campos onde a pesquisa foi realizada. Nos resultados será apresentada a análise propriamente dita que se dá em duas etapas: a primeira mostra a composição das paisagens linguísticas, trazendo a discussão sobre como a infraestrutura se constrói e se altera nos dois locais, expondo a fragilidade descritiva e explicativa da oposição urbano-rural; a segunda discute a infraestrutura dos dois campos esquematizada em camadas escalares construídas em paisagens linguísticas. A perspectiva principal para discutir os resultados é a escala (CARR; LEMPERT, 2016; BLOMMAERT, 2010; JACQUEMET, 2016) e o foco está nas semelhanças e diferenças entre os campos em camadas escalares de infraestrutura e de interações em escala interna/externa.

Nas conclusões é apresentada uma discussão sobre a importância dos estudos sob o ponto de vista da sociolinguística da mobilidade e da globalização para compreender a complexidade dos contextos atuais de práticas linguísticas. Essa etapa também discute, com base no material analisado, como dicotomias tradicionais, como a oposição entre rural e urbano, podem ser problemáticas na atualidade, uma vez que os contextos tradicionalmente vistos como opostos podem se aproximar em muitos aspectos e as escalas que constituem essa oposição são muito mais efeitos performativos do que elementos pré-dados da organização espaço-temporal.

## 2 Pressupostos teóricos

Como aponta Blommaert e Maly (2014), tem sido comum atualmente que pesquisadores/as passem a usar câmeras digitais para registrar fotografias além dos tradicionais gravadores de áudio. Esses registros ficaram conhecidos como paisagens linguísticas, que são capazes de registrar a presença de partes visíveis da linguagem escrita em espaços públicos.

Tais paisagens captam a presença de pedaços visíveis publicamente da linguagem escrita: sinais de outdoors, de rodovias e de segurança, sinais de lojas, grafite e todos os tipos de outras inscrições no espaço público, tanto profissionalmente produzidas como as rudimentares (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 1)<sup>3</sup>.

De acordo com os autores, o *locus* onde essas paisagens estão sendo documentadas é, principalmente, o espaço urbano na Modernidade Tardia, onde o ambiente é multilíngue e tais registros documentam a presença de grupos variados. No entanto, eles também ressaltam que, apesar de menos abundantes, este tipo de registro em localidades menos urbanas ou rurais também tem apresentado resultados interessantes para as pesquisas realizadas (BLOMMAERT; MALY, 2014).

Tais estudos de paisagens linguísticas têm mostrado potencial analítico e descritivo, e de acordo com os autores, o grande salto desses estudos em relação aos estudos mais tradicionais de Sociolinguística está no fato de o espaço ser um objeto central para os estudos linguísticos e não apenas um objeto vazio onde os/as falantes são traçados e cuja a importância para a pesquisa é apenas secundária (BLOMMAERT, 2013; SCOLLON; SCOLLON, 2003). Examinar a linguagem como ocupando espaços e lugares amplia o potencial de interpretação de seu “significado, mensagens,

---

<sup>3</sup> No original: “Linguistic Landscape Studies investigate the presence of publicly visible bits of written language: billboards, road and safety signs, shop signs, graffiti and all sorts of other inscriptions in the public space, both professionally produced and grassroots.” Todas as traduções deste artigo são de nossa autoria e foram feitas para fins exclusivos desta pesquisa.

propósitos e contextos”<sup>4</sup> (SHOHAMY; GORTER, 2009, p. 1), ou seja, analisar a ação pela linguagem requer considerar que ela emerge num dado espaço e ao mesmo tempo atua para organizar este espaço, pois não existem espaços no mundo que sejam discursivamente “puros” (SCOLLON; SCOLLON, 2003).

No que se refere ao potencial descritivo e prático deste tipo de estudo, concordamos que:

Estudos de paisagens linguísticas podem agir como uma primeira linha de diagnóstico sociolinguístico de áreas específicas. Eles oferecem ao pesquisador de campo uma ferramenta para a detecção das principais características dos regimes sociolinguísticos em uma área: monolíngue ou multilíngue. E, no caso do último, que idiomas estão aí? A partir de um diagnóstico tão rápido e de fácil utilização, pode-se passar para investigações mais profundas no regime sociolinguístico (BLOMMAERT, 2013, p. 2)<sup>5</sup>.

Isto porque esses estudos “obrigam o/a sociolinguista a prestar atenção aos diferentes tipos e configurações de letramento exibidos em espaços públicos” (BLOMMAERT, 2013, p. 2), obrigando também que a análise sociolinguística seja historicizada. Assim, eles podem “detectar índices de mudança antes que eles se tornem visíveis nas estatísticas ou em outras investigações em grande escala” (BLOMMAERT, 2013, p. 3).<sup>6</sup>

Além das mudanças linguísticas, as paisagens linguísticas podem ajudar a detectar as adesões ao poder normativo e, também, seus contrapontos, as tensões e os

---

<sup>4</sup> No original: “meaning, messages, purposes and contexts”.

<sup>5</sup> No original: “LLS can act as a first-line sociolinguistic diagnostic of particular areas. It offers the fieldworker a relatively user-friendly toolkit for detecting the major features of sociolinguistic regimes in an area: monolingual or multilingual? And in the case of the latter, which languages are there? From such a quick and user-friendly diagnosis, one can move into more profound investigations into the sociolinguistic regime.”

<sup>6</sup> No original: “Detect indexes of change long before they become visible in statistics or other large-scale investigations.”



conflitos emergentes nas formas como os diversos grupos lidam com os discursos normativos, já que:

Os espaços públicos são arenas sociais - circunscrições em que o controle, disciplina, pertença e adesão operam e nos quais eles estão sendo operados. Além disso, o espaço público é também um instrumento de poder, disciplina e regulamento: organiza as dinâmicas sociais implantadas nesse espaço. O espaço público de uma praça do mercado ou uma estrada é, em contraste com o espaço privado, por exemplo, da sala de jantar, um espaço compartilhado sobre o qual várias pessoas e grupos vão tentar adquirir autoridade e controle, se não ao longo de todo o espaço, então, pelo menos, ao longo de partes dele. É um objeto institucional, regulamentado (e, geralmente, 'propriedade') por parte das autoridades oficiais, cujo papel muitas vezes será mais claro nas restrições que impõem sobre a utilização do espaço (proibições de fumar, vadiagem, desordem, limites de velocidade, advertências, e assim por diante). Os espaços públicos são espaços normativos (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 3).<sup>7</sup>

Para esses autores, a comunicação no espaço público é a comunicação em um "campo de energia". De acordo com Blommaert e Maly (2014), os sinais disponíveis nos espaços públicos podem ser analisados olhando-se para três eixos: (i) "os sinais apontam para o passado", isto é, para as formas de produção e suas origens como índices que fabricaram os sinais e as condições de sua produção, os recursos utilizados e disponíveis para quem os produz; (ii) "os sinais apontam para o futuro", quer dizer, para quais destinatários e públicos específicos ele foi produzido e para gerar que

---

<sup>7</sup> No original: "Public spaces are social arenas – circumscriptions on which control, discipline, belonging and membership operate and in which they are being played out. Furthermore, public space is also an instrument of power, discipline and regulation: it organizes the social dynamics deployed in that space. The public space of a market square or a highway is, in contrast to the private space of e.g. one's dining room, a shared space over which multiple people and groups will try to acquire authority and control, IF not over the whole of the space, then at least over parts of it. It is an institutional object, regulated (and usually 'owned') by official authorities whose role will very often be clearest in the restrictions they impose on the use of space (prohibitions on smoking, loitering, littering, speed limits, warnings, and so on). Public spaces are normative spaces."

efeitos; e (iii) “os sinais apontam para o presente” por meio de sua localização que não é aleatória (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 4).

Tendo em vista esses três eixos de análise, é possível compreender a “função social de sinais públicos” que têm diversas finalidades como demarcar ou fragmentar o espaço regulando suas conexões. E por isso os sinais sempre têm uma relação de comunicação entre produtores e destinatários, ou seja, os sinais são produzidos por alguém, direcionados para um público específico com a finalidade de causar algum efeito naquele espaço específico onde se encontra. Como explicam Blommaert e Maly (2014, p. 4-5):

Os três eixos e suas funções transformam estudos de paisagens linguísticas em um projeto etnográfico e histórico, em que vemos sinais como índices de relações sociais, interesses e práticas, implantado em um campo que está repleto de sobreposição e interseção de normas - não apenas as normas de uso da linguagem, mas as normas de conduta, sociedade, pertença legítima e uso; e não apenas as normas de um aqui-e-agora, mas as normas que são de diferentes ordens e operam dentro de diferentes historicidades. A paisagem linguística foi transformada em uma paisagem social, características do que agora pode ser lido através de uma análise dos sinais públicos<sup>8</sup>.

Além desses potenciais descritivo e teórico, tais estudos possuem potencial analítico, pois:

o espaço físico é também o espaço social, político e cultural: um espaço que oferece, permite, desencadeia, convida, prescreve, proíbe políticas ou impõe certos padrões de comportamento social; um espaço que nunca é terra de ninguém, mas sempre espaço de alguém, um espaço

---

<sup>8</sup> No original: “The three axes and their functions turn LLS into an ethnographic and historical project, in which we see signs as indices of social relationships, interests and practices, deployed in a field which is replete with overlapping and intersecting norms – not just norms of language use, but norms of conduct, membership, legitimate belonging and usage; and not just the norms of a here-and-now, but norms that are of different orders and operate within different historicities. The linguistic landscape has been turned into a social landscape, features of which can now be read through an analysis of the public signs.”

histórico, portanto, cheio de códigos, expectativas, normas e tradições, e um espaço de poder controlado por pessoas, bem como controlando as pessoas (BLOOMMAERT, 2013, p. 3)<sup>9</sup>.

Assim, essa mudança de um espaço físico para um social é possibilitada em uma análise aprofundada da paisagem linguística, pois o maior potencial desse tipo de estudo está em o diagnóstico sociolinguístico poder tornar-se um diagnóstico das estruturas sociais, culturais e políticas e das ideologias linguísticas inscritas na paisagem linguística (BLOOMMAERT, 2013; LANZA; WOLDEMARIAM, 2009).

No entanto, é importante notar que com essa abrangência surge uma grande quantidade de questões para lidar e vários temas entram na cena. Pois, para Blommaert (2013), ao trabalhar com as paisagens linguísticas podemos nos deparar com uma diversidade cultural, social e econômica chamada de superdiversidade, termo cunhado por Vertovec (2007) para designar a diversidade dentro da diversidade, ou seja, um grande aumento na diversidade na sociedade, que, para Blommaert (2010, 2013), se dá por duas forças principais que são: o fim da Guerra Fria que afetou a forma como a mobilidade se dá no mundo aumentando os fluxos migratórios e tornando-os mais complexos, e a *internet* que se tornou uma infraestrutura mais disponível no fim da década de 1990 aumentando a troca de informações em longa distância. Dessa forma, a interação dessas forças, formas mais complexas de migração e formas mais complexas de comunicação, tornam o ambiente e as práticas linguísticas mais complexos e difíceis de se pressupor suas características e seus contornos antes de uma análise mais cuidadosa. E para Blommaert (2013), essa superdiversidade é “impulsionada por três palavras-chave: mobilidade, complexidade e imprevisibilidade” (BLOOMMAERT, 2013, p. 6)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> No original: “Physical space is also social, cultural and political space: a space that offers, enables, trigger, invites, prescribes, proscribes, polices or enforces certain patterns of social behavior; a space that is never no man’s land but always somebody’s space; a historical space, therefore, full of codes, expectations, norms and traditions; and a space of power controlled by as well as controlling people.”

<sup>10</sup> No original: “It is driven by three keywords: mobility, complexity and unpredictability.”

De acordo com Blommaert (2016, p. 7), “a *internet* é o maior e mais complexo espaço social na Terra agora”<sup>11</sup>. O autor assegura que tal espaço multimodal que engloba práticas comunicativas diversas e não existentes antes da década de 1990 mudam o que entendemos por repertórios e por conhecimento e uso da linguagem, alterando o espaço-tempo e exigindo uma mudança de paradigmas, pois os materiais produzidos na *internet* são tão reais quanto os produzidos *off-line* (BLOMMAERT, 2016).

Sendo assim, podemos concluir que estudos de paisagens linguísticas “podem, assim, ser transformados em uma ferramenta para dissecar as diversas formas de complexidade sociolinguística que caracterizam nossas sociedades contemporâneas” (BLOMMAERT, 2013, p. 14)<sup>12</sup>.

Uma ferramenta teórica importante nos estudos dessa natureza é o conceito de escala. Blommaert (2010) e Jacquemet (2016) consideram a noção de escala como uma metáfora para entender a multiplicidade dos planos de interação humana, ou seja, pensar os movimentos de pessoas e mensagens através do espaço, que é preenchido com códigos, normas e expectativas. No entanto, essa metáfora que sugere imagens espaciais deve ser vista de forma vertical e não horizontal, considerando a natureza não unificada do fenômeno sociolinguístico. Para Blommaert (2010), a metáfora da escala deve ser usada para imaginar coisas que são de ordem diferente e que estão hierarquicamente estratificadas. Jacquemet (2016, p. 337) argumenta sobre o potencial explicativo dessa metáfora para a linguagem na era da globalização, tendo em vista que as práticas linguísticas podem ter significados diferentes em “contextos de escopo geográfico variável”<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> No original: “The internet is the largest and most complex social space on earth now.”

<sup>12</sup> No original: “can, thus, be turned into a tool for dissecting the various forms of sociolinguistic complexity that characterize our contemporary societies.”

<sup>13</sup> No original: “contexts of varying geographic.”

A metáfora da escala não pode ser apenas espacial, pois “todo evento social desenvolve-se simultaneamente em espaço e tempo, frequentemente, em múltiplos espaços imaginados e classificações de tempo” (BLOMMAERT, 2010, p. 34)<sup>14</sup>. Portanto, as escalas podem ser pensadas como níveis do Espaço-Tempo em que se organizam diferentes maneiras de normatividade, pois no contexto da escola do quilombo que faz parte desta pesquisa, por exemplo, a escala imaginada de um local tradicional salta para uma escala normativa do regime de controle estadual translocal da Secretaria Estadual de Educação. Mesmo percebendo que a comunidade lida com um autorreconhecimento como espaço rural e tradicional, a sua escola integra a rede estadual de ensino, lidando com o mesmo programa, calendário e modelo das escolas localizadas em área urbana. Também no contexto da escola em área urbana esses níveis impactam em regimes de usos linguísticos: escalas *offline* saltam para escalas *online* nas trocas comunicativas entre docentes, estudantes e comunidade externa da escola. Aparelhos de telefone celular, *tablets* e *notebooks* conectados à *internet* fazem parte da rotina de sala de aula tornando o fluxo comunicativo muito móvel e aumentando a velocidade do compartilhamento de informações (BLOMMAERT, 2010).

Essas complexidades de níveis e seus efeitos variados nos levam a incorporar uma abordagem pragmática ao conceito de escala, seguindo a discussão de Carr e Lempert (2016). Esses autores argumentam que a linguagem habilita atores sociais a moverem-se em níveis escalares diversificados e a distribuição dos recursos linguísticos pode vir acompanhada desses efeitos performativos escalares. Veremos, em nossa análise, como os recursos semióticos nas escolas e seus entornos não apenas indicam mudanças pelas suas paisagens linguísticas, como produzem efeitos escalares ao serem mobilizados pelos atores sociais em cena.

---

<sup>14</sup> No original: “Every social event develops simultaneously in space and in the time, often in multiply imagined spaces and timeframes.”

Assim, com base nesses estudos, entende-se como relevante esse tipo de análise para identificar a complexidade dos contextos estudados. A análise apontou para contextos altamente complexos e não para comunidades homogêneas.

### 3 Metodologia

O material analisado neste artigo foi gerado em dois campos de pesquisa selecionados com base nas afirmações teóricas filiadas à sociolinguística de orientação variacionista, tradicionalmente difundida no Brasil, de que diferenças de área como urbana e rural e diferenças étnicas influenciam de maneira determinante nos usos linguísticos, delimitando-os (FREITAG, 2014; PRETI, 2003; SILVA; SCHERRE, 1996). Assim, a opção foi gerar dados em uma área urbana e em outra rural caracterizada etnicamente. A escolha da escola em Anápolis foi feita pela proximidade da primeira autora com o colégio selecionado, no qual trabalhou um tempo como docente. O colégio na comunidade Kalunga foi selecionado pelo fato de o povo Kalunga ser conhecido como a maior comunidade quilombola do estado de Goiás, com suas terras já demarcadas legalmente.

A entrada em campo no caso da escola em Anápolis se deu de maneira fácil, tendo sido necessário apenas marcar uma reunião com a chefia de departamento de áreas acadêmicas para apresentar a pesquisa e enviar um *e-mail* para a direção do campus mencionando a reunião e solicitando a autorização por escrito também do diretor.

Já na comunidade quilombola, a entrada se deu por meio de contatos realizados com representantes locais que foram possibilitados por intermédio de um amigo em comum da primeira autora e das pessoas da comunidade. Após este primeiro contato e os ajustes para a primeira visita, foi notado que o povo Kalunga já recebe visitas frequentes, não só de pesquisadores/as, mas também de turistas, pois a Comunidade Engenho II localiza-se na região do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e já

há um preparo para a recepção de visitantes. Assim, as visitas posteriores foram mais fáceis, já que a primeira autora poderia chegar ao local e se hospedar da mesma maneira como fazem os/as turistas.

Foram feitas duas visitas em cada campo para a geração de material para análise. Antes disso, com a finalidade de apresentar a pesquisa e buscar autorização de representantes dos locais para a sua realização, foram realizadas uma visita com estadia de dois dias no quilombo e duas visitas curtas de uma hora no IFG. A autorização para a pesquisa na comunidade Kalunga foi concedida pelo presidente da Associação de Moradores e líder local. A autorização do Instituto Federal de Goiás – Campus Anápolis, local da pesquisa em Anápolis, foi dada pelo diretor do Campus e pelo chefe do Departamento de Áreas Acadêmicas.

Depois de conseguir essas autorizações, mas antes de iniciar o trabalho de campo, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás que avalia projetos para a realização de pesquisa com seres humanos. Apenas após obter a liberação do Comitê de Ética em Pesquisa foi iniciado o trabalho de campo.

Nos dois campos, o trabalho foi realizado no interior e imediações de escolas de Ensino Médio, mantendo-se um contato mais próximo com estudantes do segundo ano e professores/as para manter a possibilidade de comparação de contextos. Apesar de aparentemente diferentes, os dois contextos compartilham características como o ambiente escolar público (um estadual e o outro federal) e as informações compartilhadas e obtidas por meios de comunicação.

Neste artigo, nos interessa a geração de paisagens linguísticas obtidas por meio de fotografias que foram registradas nos dois campos para possibilitar uma análise densa das práticas linguísticas e também a identificação de possíveis diferenças ou

proximidades dos contextos analisados<sup>15</sup>. Foram feitas fotografias de recursos escritos em variados espaços dentro das escolas e nas proximidades, além de variados índices semióticos. Também se usou a observação, pois a primeira autora esteve presente nesses ambientes gerando material de pesquisa e realizando anotações de aspectos considerados importantes em caderno de campo.

### **3.1 Contexto da pesquisa e descrição dos campos selecionados**

#### **3.1.1 A escola na comunidade quilombola**

A escola quilombola situa-se no interior da Comunidade do Engenho II no território Kalunga, que fica a cerca de 25 quilômetros da cidade de Cavalcante, no nordeste do estado de Goiás. A cidade de Cavalcante está a aproximadamente 315 quilômetros de distância da capital federal Brasília, e a 510 quilômetros de Goiânia, a capital do estado. Conforme constante em caderno de campo da pesquisa, de acordo com os/as moradores/as da comunidade, a escola atende à maioria dos/as estudantes do Ensino Fundamental ao Médio que residem na comunidade. Muitos/as jovens das outras comunidades distribuídas pelo território Kalunga costumam frequentar as escolas das cidades mais próximas, apesar de algumas comunidades também possuírem escolas. O nome da escola onde ocorreu a pesquisa é Colégio Calunga I<sup>16</sup> e a sede oficial fica no município de Campos Belos – GO, próximo à Cavalcante. As aulas acontecem no prédio construído com verba municipal chamado de Escola Municipal

---

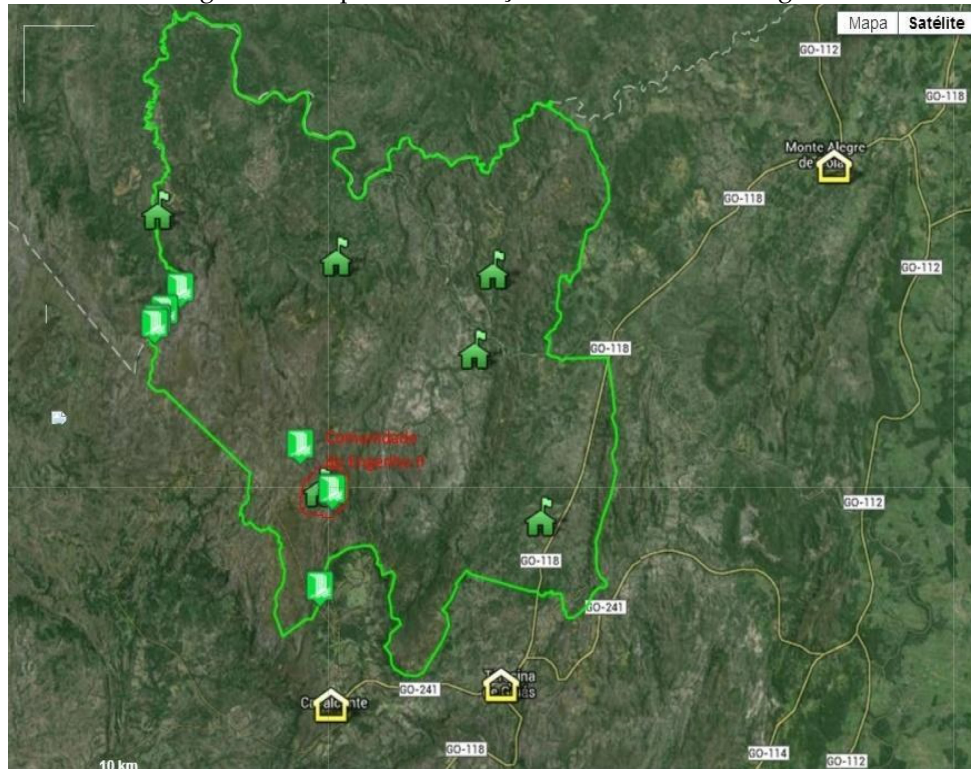
<sup>15</sup> A pesquisa realizou ainda registros em áudio de interações nas escolas, tanto em sala de aula como em outras áreas próximas da própria escola. Tais registros não estão incluídos neste artigo, focado exclusivamente na análise das paisagens linguísticas.

<sup>16</sup> Os registros referentes à escola mantida pelo Estado grafam o nome Calunga com a letra “c” ao passo que os moradores e seus projetos referentes à Associação Quilombo Kalunga (AQK) sempre grafam o nome em seus registros com a letra “k” conforme a “origem africana (bantu)” da palavra (BAIOCCHI, 2013). A grafia com “c” é objeto frequente de avaliação por parte dos/as alunos/as que sempre questionam o motivo da escrita com a letra “c”. A grafia priorizada neste trabalho será com a letra “K”, pois é a utilizada pela Associação que autorizou esta pesquisa. Assim, serão grafadas com a letra “c” somente quando a referência for ao nome da escola.



Engenho II. O Ensino Médio é mantido pelo governo do estado, mas com colaboração da prefeitura, que cede o espaço físico. A figura 1 abaixo mostra o mapa de localização da comunidade.

Figura 1 – Mapa de localização do Território Kalunga.



Localização da Comunidade do Engenho II (em destaque circulado em vermelho).

Fonte: Imagem do Google Maps retirada do site <http://quilombokalunga.org.br/territorio-do-sitiohistorico-e-patrimonio-cultural-kalunga/>. Acesso em: 11 ago. 2014.

A escola está localizada próxima à entrada principal da comunidade, e está nas proximidades da casa do presidente da Associação de Moradores/as, perto também de alguns restaurantes que atendem turistas e do Centro de Atendimento ao Turista (CAT). Em frente à escola está a igreja católica, onde ocorrem missas periodicamente.

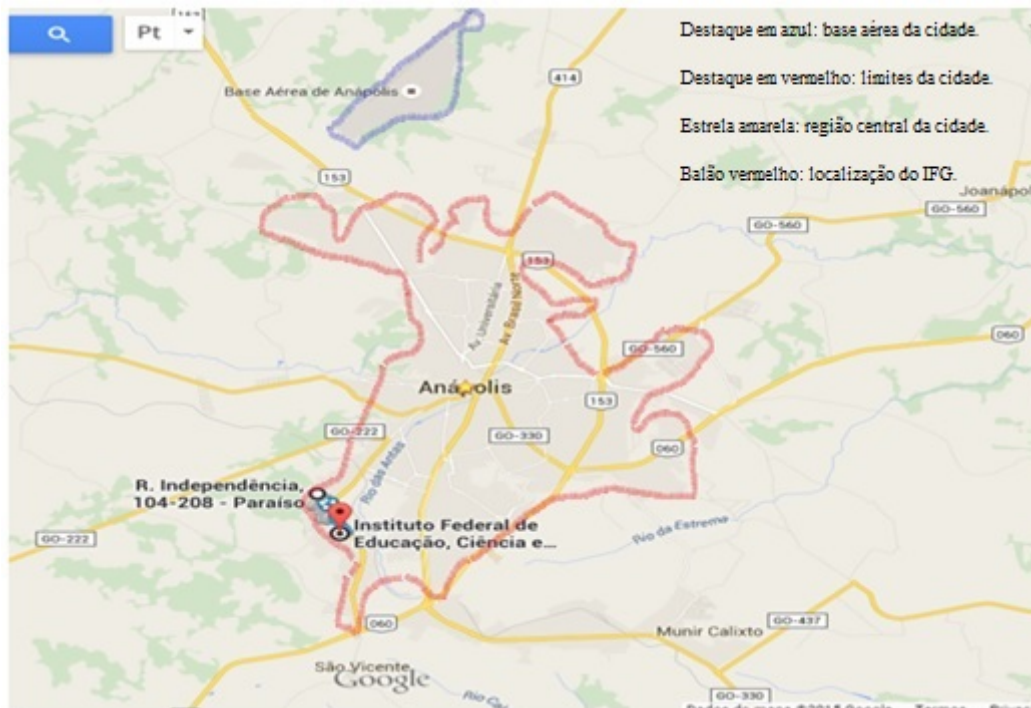
A comunidade abriga aproximadamente 200 famílias e possui uma população de aproximadamente mil habitantes, o que corresponde a 0,27% da população da cidade de Anápolis, de acordo com os dados do Censo 2010 (IBGE, 2015). Essa informação foi obtida por meio de consulta às lideranças da comunidade, uma vez que

os dados formais do IBGE não apresentam informações sobre a população da Comunidade Kalunga Engenho II e o *site* do Governo do Estado de Goiás menciona apenas os números referentes ao território Kalunga em sua totalidade, informando um total de 5 mil habitantes, sem especificar a população de cada comunidade. No entanto, moradores/as que nos ensinaram sobre a população da Comunidade Engenho II informam que o território completo do povo Kalunga já chegava a aproximadamente 9 mil habitantes em 2015.

### **3.1.2 A escola em Anápolis**

A escola situada no município de Anápolis é um Instituto Federal de Educação (IFG) e recebe, em sua maioria, jovens residentes no próprio município, mediante aprovação em processo seletivo aberto e divulgado nacionalmente, mas ocorrido localmente. O instituto está localizado em um bairro da periferia da cidade, próximo a conjuntos habitacionais populares (figura 2). Recebe estudantes de várias regiões da cidade e eventualmente de distritos ou cidades vizinhas. A instituição oferece Ensino Médio integrado ao Curso Técnico, Curso Técnico Subsequente, Proeja (para jovens e adultos), Curso Superior, além de alguns cursos técnicos na modalidade à distância e cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

Figura 2 – Mapa de localização do IFG Anápolis



Fonte: Google Maps com a busca pelo endereço do IFG – Anápolis. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Instituto+Federal+de+Educa%C3%A7%C3%A3o,+Ci%C3%A2ncia+e+Tecnologia+de+Goi%C3%A1s+-+C%C3%A2mpus+An%C3%A1polis/@-16.3726815,-48.9803594,13z/data=!4m2!3m1!1s0x935ea33638231c1d:0x8c191dacc3405ebc>. Acesso em: 11 ago. 2014.

A cidade de Anápolis, onde se encontra o campus em que a pesquisa foi realizada, localiza-se a pouco mais de 50 quilômetros da capital do estado, Goiânia. A rodovia BR-153 liga a cidade ao sul e ao norte do país. Anápolis também conta com a BR-060 e com a BR-414 que a liga a Brasília, localizada a pouco mais de 150 quilômetros. Além dessas, há ainda as rodovias estaduais GO-222 (para Nerópolis–GO) e GO-330 (para Leopoldo de Bulhões–GO). Trata-se, portanto, de um grande entroncamento rodoviário (ANÁPOLIS, 2015).

De acordo com informações do site da prefeitura de Anápolis, o município é o terceiro maior em população do estado, o segundo maior em arrecadação de impostos e a segunda maior cidade do estado de Goiás, compondo a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro, o eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. Ainda de acordo com informações do site, baseados nos dados do IBGE de 2010, a população da cidade é de 334.613 habitantes (ANÁPOLIS, 2015).

A localização estratégica levou à criação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA) em 1976, para agregar valor à produção agropecuária e mineral da região. O DAIA é sede do Polo Farmacêutico goiano. A economia da cidade também conta com o setor de serviços, comércio, turismo (Base Aérea de Anápolis, Museu Histórico de Anápolis, Parques ambientais), turismo de negócios (há grande concentração de empresas), turismo religioso (eventos promovidos pelas igrejas católicas, denominações evangélicas e comunidade espírita) (ANÁPOLIS, 2015).

Todo esse crescimento tem gerado demanda também para a oferta de ensino qualificado. A cidade possui vários centros de ensino superior e abriga a sede e a reitoria da Universidade Estadual de Goiás, uma instituição de ensino superior multi-campi. Com a expansão dos Institutos Federais de Educação Tecnológica pelo país, um campus foi construído na cidade e denominado IFG – Campus Anápolis.

O instituto está localizado ao lado de um dos cemitérios da cidade e em frente ao Instituto Médico Legal (IML) de Anápolis. Os outros lados estão cercados por residências pertencentes a conjuntos habitacionais. Ao lado do IML foi construída uma lanchonete, provavelmente para atender à demanda de estudantes e funcionários/as que permanecem o dia todo no IFG, pois ela foi construída algum tempo depois da inauguração do instituto. Está situado em um bairro afastado do centro da cidade e próximo à BR-153 e à GO-222, ligando a cidade tanto ao sul quanto ao norte do estado. O Campus Anápolis foi inaugurado em 2010 e atende à demanda da própria cidade, oferecendo cursos compatíveis com as grandes atividades da cidade, tais como indústria e turismo. Apesar de afastado do Centro da cidade, algumas linhas de ônibus atendem à região. São linhas que saem do terminal urbano central e vão para os bairros, mas passam em frente ao IFG antes de seguir para os bairros de destino final.

#### 4 Resultados e discussão

Para analisar a composição das paisagens linguísticas nos dois campos, devemos responder a algumas questões, por exemplo, quem vive ou interage nesses locais, exerce e recebe influências constantemente por meio das relações que se estabelecem (BLOMMAERT, 2013). Essa composição é importante porque o principal recurso dos espaços dos quais as paisagens linguísticas fazem parte é a interação social (SCOLLON; SCOLLON, 2003), que por sua vez é central para a identificação dos três eixos de análise de paisagens linguísticas.

Quem vive na comunidade do Engenho II são quilombolas, além de imigrantes que foram para a comunidade trabalhar na escola e imigrantes que foram para a comunidade em missão religiosa.

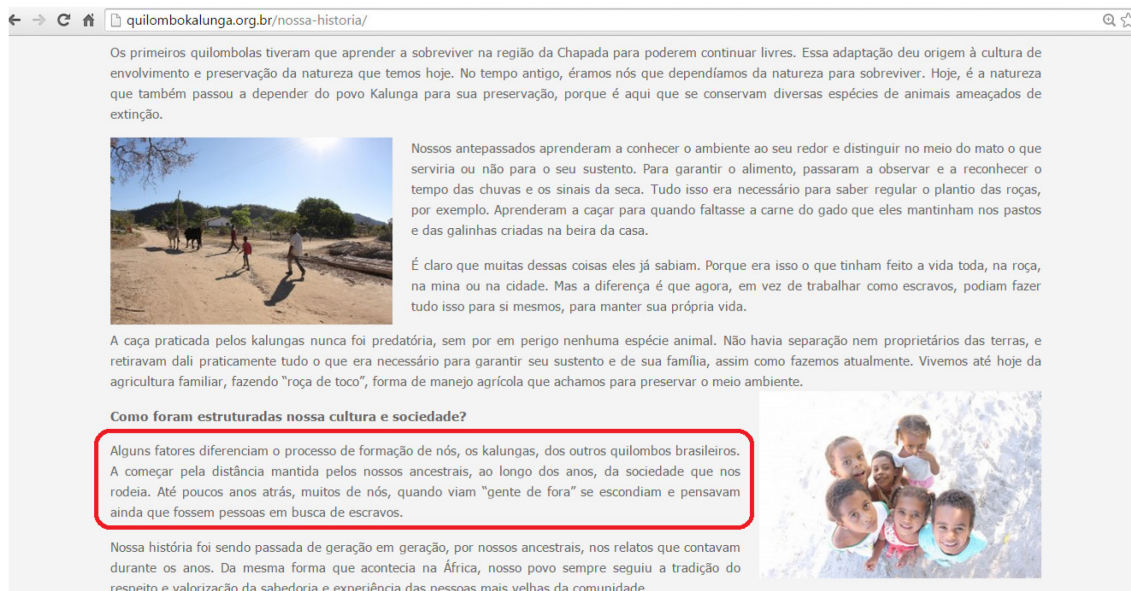
No entanto, existem pessoas que estão na comunidade em situação de mobilidade, a saber, turistas de várias regiões do país e do mundo em busca das belezas naturais do território Kalunga (cachoeiras em área de bioma Cerrado brasileiro) e de contato com diferentes culturas; pesquisadores/as de diversas áreas do conhecimento; agentes de saúde em trabalho para o governo municipal; outros/as representantes do governo federal para realização de diversos trabalhos. Isso aponta para uma grande diversidade de pessoas convivendo e interagindo por curto, médio ou longo prazo, tornando o ambiente mais complexo e as práticas linguísticas bem mais difíceis de se pressupor, pois ainda que em ambiente rural, a comunidade não está de maneira alguma isolada ou isenta de contato ou de elementos que caracterizam a globalização cultural (BLOMMAERT, 2010).

Além das belezas naturais, que promovem o turismo ecológico, o povo desta comunidade oferece mais para o mercado turístico. Esse povoado recebe também o turismo de herança, no sentido atribuído por Heller (2010), o que podemos notar em sua paisagem *offline* e na produção de paisagens linguísticas *online*. No ambiente virtual podemos mencionar o *site* da *Associação Quilombo Kalunga* (figuras 3 e 4) que

apresenta a comunidade como uma das comunidades que há menos tempo possui contato com outros povos, datando de aproximadamente 30 anos, e que por isso preservaria muito da tradição de origem africana, já que preservava a distância da sociedade que os rodeava e se mantinha isolada. Além do *site*, na época em que esses dados foram gerados, existiam duas páginas sobre a comunidade Engenho II em língua inglesa na rede social *Facebook*, sendo que uma delas era mais inativa enquanto a outra recebia atualizações.

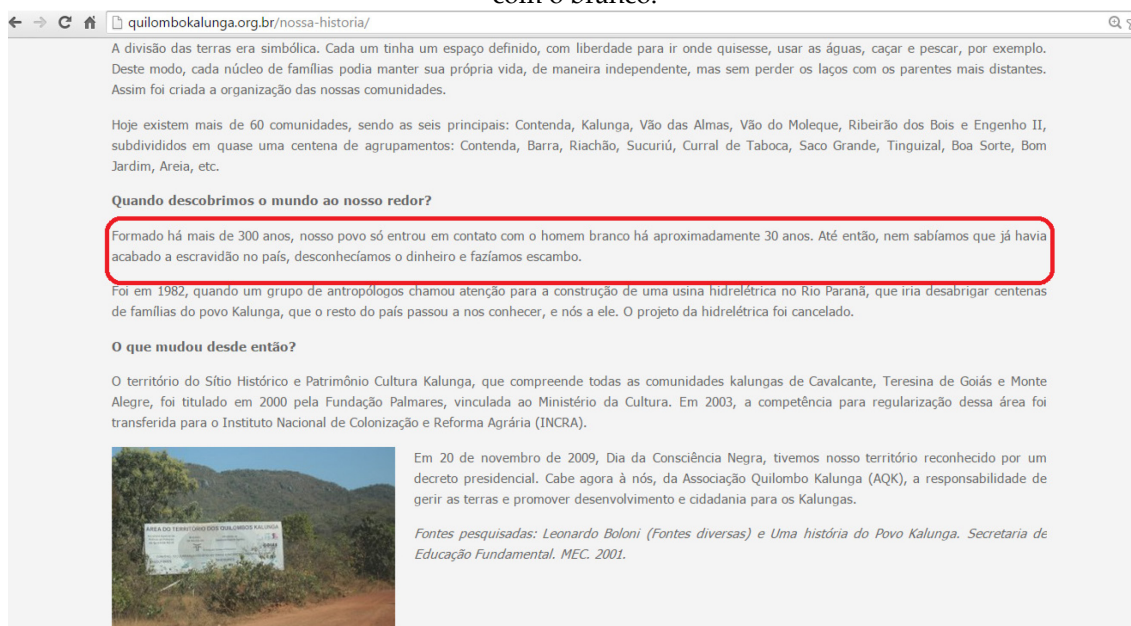
Atualmente, a página que recebia atualizações com mais frequência continua ativa e recebendo atualizações, enquanto a outra não é mais encontrada. Agora quando a busca é realizada encontramos a página *Community Kalunga of Engenho II e Espaço Santa Barbara comunidade Kalunga* (uma página dedicada ao *camping* local). Na época da geração desses dados observamos na página, que tem o nome da comunidade em inglês (figura 5), postagens em português (figura 6) e em francês (figura 7).

Figura 3 – Site da Associação Quilombo Kalunga: destaque para trecho sobre distanciamento da comunidade.



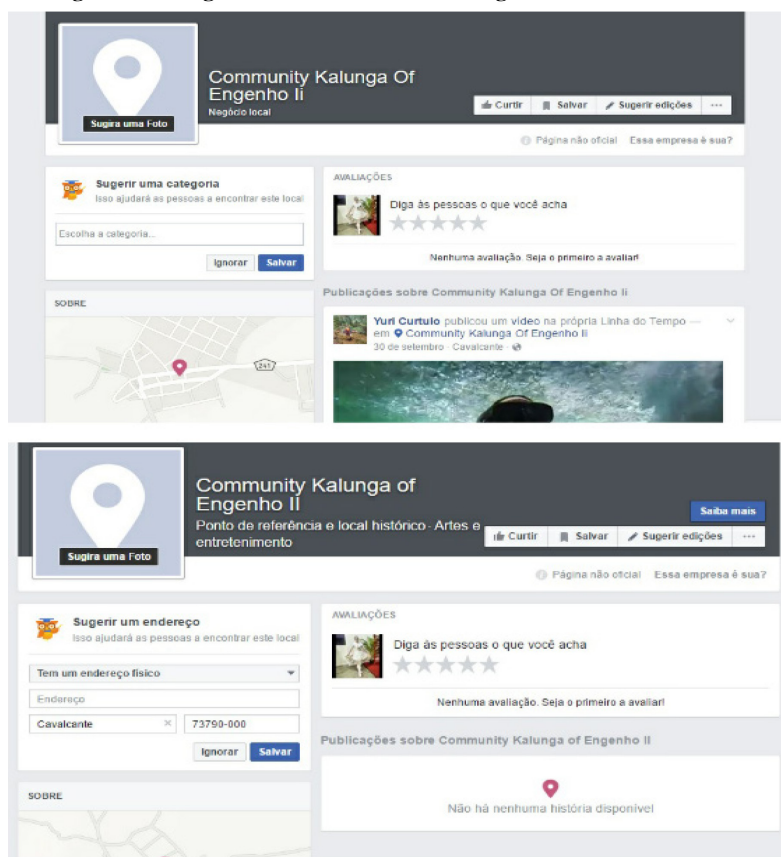
Fonte: tela capturada do site: Acesso em: 24 mar. 2015.

Figura 4 – Site da Associação Quilombo Kalunga: destaque para trecho sobre pouco tempo de contato com o branco.



Fonte: tela capturada do site: quilombokalunga.org.br. Acesso em: 24 mar. 2015.

Figura 5 – Páginas da comunidade Engenho II no Facebook.



Fonte: Telas capturadas nas páginas do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Community-Kalunga-Of-Engenho-Ii/1690954864490558?fref=ts> e <https://www.facebook.com/pages/Community-Kalunga-of-Engenho-II/165372720599824?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

Figura 6 – Postagens em português.



Fonte: telas capturadas na página do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Community-Kalunga-Of-Engenho-Ii/1690954864490558?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

Figura 7 – Postagem em francês



Fonte: tela capturada na página do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Community-Kalunga-Of-Engenho-Ii/1690954864490558?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.



Essa diversidade de recursos linguísticos leva a pensar sobre como a mobilidade de falantes de línguas ou variedades minoritárias pode afetar a maneira como linguagem e identidade são vistas e como as identidades chamadas autênticas são construídas. Podemos observar outros contextos em que a língua e a cultura são objetos de marcação e valorização de identidades e em que as performances linguísticas de um determinado grupo se tornam *commodities*. Essa mercantilização da linguagem, no sentido atribuído por Heller (2010), pode ser notada em ambientes considerados remotos e com algum tipo de reconhecimento de ancestralidade, como é o caso dos Kalunga que, por descenderem de escravizados resistentes, carregam consigo a herança de africanos que resistiram à escravidão se refugiando em aldeamentos de difícil acesso e mantendo protegido este território com lutas e confrontos. Esse tipo de passado do povoado levanta a curiosidade de turistas em saber como vivem tais pessoas que em um suposto isolamento poderiam estar ainda reproduzindo aspectos da cultura de seus antepassados. Como podemos observar no material produzido para o *site*, o discurso do local e suas características ancestrais são vistos como marca de autenticidade que pode ser consumida por turistas, e por isso, tais características tornam-se *commodities* (HELLER, 2010; WANG *et al.*, 2014).

A comunidade Kalunga tem se tornado um lugar destinado ao turismo e isso pode ser notado em suas produções linguísticas em espaços públicos, ou seja, paisagens linguísticas (BLOMMAERT, 2010) *online* e *offline*. A figura 3 exemplifica como o discurso da tradição e das raízes ancestrais é usado no *site* da Associação Quilombo Kalunga para atrair turistas interessados/as em observar performances consideradas autênticas (WANG *et al.*, 2014).

O trecho em destaque mostra o texto do *site* que fala sobre o distanciamento do povo da cultura externa, o que preservaria as características tradicionais. O trecho em destaque na figura 4 ainda relata que o contato do povo com o branco foi há aproximadamente 30 anos, o que ajudaria a preservar a cultura ancestral, já que seria

a comunidade quilombola com menos tempo de contato com a cultura do branco. Como afirmam Wang *et al.* (2014, p. 34-35)

A essência do turismo de herança gira em torno de um imaginário de um ambiente virgem, natural e cultural, e muitas vezes crucial incluindo a presença e desempenho das línguas locais e (rituais) tradições culturais: o ambiente natural e cultural frágil que pode evocar um sentimento de nostalgia do deserto e da aventura no consumidor<sup>17</sup>.

A palavra-chave neste tipo de turismo é autenticidade e para produzir e comercializar tal autenticidade os grupos precisam projetar histórias de seu passado e apresentar elementos de tradição como cultura, alimento e formas de vida (WANG *et al.*, 2014).

As postagens na página do *Facebook* também lidam com essas questões do turismo e mesclam o ecológico com o de herança, vistos em postagens que mostram as habitações e o povo que vive na comunidade (figuras 6 e 7). Podemos notar também na figura 8 a seguir, a postagem de um turista que traduz essa visão de comunidade isolada e pouco conhecida, um local a ser desbravado, como podemos ver na legenda: "Quando não exploramos as belezas ao nosso redor, tornamos estrangeiros no nosso próprio país.", e nas *hashtags* "#explore", "#descubra" e "#desbravadoresdogoias".

---

<sup>17</sup> No original: "The essence of heritage tourism revolves around an imagery of an un spoiled environment, both natural and cultural, and often crucially including the presence and performance of local languages and cultural (ritual) traditions: the fragile natural and cultural environment that can evoke a sense of nostalgia of wilderness and adventure in the consumer."

Figura 8 – Postagem que sugere o isolamento da comunidade.



Fonte: tela capturada na página do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Community-Kalunga-Of-Engenho-Ii/1690954864490558?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

Já no Instituto Federal há uma diferença em relação à proporção do espaço, uma vez que a população da cidade de Anápolis é bem maior que da Comunidade do Engenho II, de forma que mesmo observando as imediações do instituto, a análise das interações foram feitas apenas dentro do IFG e não na comunidade em geral, como no caso do contexto quilombola. Assim, podemos responder sobre quem interage no local frequentemente e quem interage eventualmente. Quem está no Instituto quase diariamente durante a semana são alunas e alunos dos diversos cursos ofertados, docentes, funcionários/as das áreas pedagógicas, funcionários/as técnicos e da administração do Campus e terceirizados que prestam serviços gerais e de segurança.

Além das pessoas que frequentam o campus diariamente ou quase todos os dias da semana, algumas pessoas interagem no local com menos frequência, ou em períodos mais curtos de tempo: autoridades do Instituto Federal em visitas ao Campus, pessoas de várias instituições em eventos realizados no auditório do

instituto, população local em geral frequentando algum evento ou curso oferecido para participantes externos, entregadores de produtos adquiridos (ex. água) ou serviços contratados (ex. manutenção elétrica) pontualmente pelo instituto.

Além da divulgação, por meios de comunicação, dos cursos que oferta gratuitamente, o instituto divulga suas atividades e oferta de concursos e processos seletivos em um *site* específico do campus que está ligado ao *site* geral do IFG (Instituto Federal de Goiás) e em sua página em uma rede social de grande alcance, o *Facebook*. Um dos interesses demonstrados por esses espaços de interação está em promover a integração com a comunidade.

A princípio já podemos perceber que apesar da diferença na composição da população, ambos os campos têm diversidade de atores envolvidos, o que leva a uma diversidade de materiais escritos e semiotizados produzidos para diversos destinatários. Além disso, tanto o campo chamado rural quanto o chamado urbano produzem esses materiais em ambiente *online* e *offline*.

Tudo isso tem levado a uma mudança de infraestrutura (WANG *et al.*, 2014), nos dois campos. O povoado Engenho II, anteriormente somente rural, mudou para atender a novas demandas, como a demanda turística, por exemplo, que passou a liderar as atividades locais, antes baseadas principalmente na agricultura e na criação de animais, conforme contam o líder da comunidade e um antigo morador. O IFG, que data de 2010 e foi construído em um espaço urbano de Anápolis, também tem sido capaz de alterar a infraestrutura local, pois o espaço destinado a ele era primordialmente residencial e em uma região em processo de formação de conjuntos habitacionais populares, próximo a uma avenida comercial (Av. Pedro Ludovico) e à uma das saídas da cidade por meio de BR e GO. De acordo com Blommaert (2016, p.

8), “não podemos compreender a sociedade contemporânea desprezando a sua infraestrutura historicamente única como uma área de investigação elementar.”<sup>18</sup>

Seguindo as pistas dos estudos de Wang *et al.* (2014), e do que já foi dito, podemos perceber mudanças na infraestrutura dos dois campos pesquisados. No povoado Engenho II a percebemos por meio de diversos elementos, como o fato de parte dos/as moradores/as da comunidade passarem a alugar quartos de suas casas como dormitórios para turistas, construírem restaurantes, enquanto outros/as permaneceram e ainda se ocupam em atividades rurais, como pode ser observado por quem está na comunidade. Ao mesmo tempo em que podemos ver as pessoas trabalhando com a recepção de turistas, é possível ver muitas vezes pessoas saindo de manhã montadas em mulas para o trabalho rural. Geralmente essas pessoas voltam alguns dias depois, pois de acordo com elas, o local de plantio é um pouco distante de comunidade. Conforme apontam algumas alunas colaboradoras da pesquisa e outros/as moradores/as, além dos outros povoados menores e de mais difícil acesso que estão nos limites do território Kalunga, também existem fazendas onde residem pessoas permanentemente e outras periodicamente para o trabalho com a terra e com a criação de animais.

Ainda que existam povoados menos acessíveis por sua localização, alguns deles são muito conhecidos pelo turismo religioso. Povoados como o Vão do Moleque e Vão de Almas recebem anualmente pessoas vindas de diferentes regiões para suas festas tradicionais religiosas ligadas ao catolicismo. A festa de Santa Bárbara, que ocorre anualmente no início do mês de agosto no Vão de Almas, atrai um turismo intenso, ainda que seja necessário um veículo com tração nas quatro rodas para chegar ao povoado ou o uso de transporte por animais e a acomodação fique por conta de cada visitante, que costumam usar barracas de *camping*.

---

<sup>18</sup> No original: “We cannot understand contemporary society by dismissing its historically unique infrastructure as an elementary area of inquiry.”

Voltando a falar da Comunidade Engenho II, a de mais fácil acesso e campo desta pesquisa, vários objetos são manufaturados para venda na comunidade, tais como artesanato, cachaça de cana-de-açúcar e produtos à base de ervas da região. Um exemplo é a planta chamada Kalunga, que é vendida dentro da cachaça ou desidratada em embalagens plásticas. Trata-se de uma planta amarga e, de acordo com os/as vendedores/as, possui propriedades benéficas para o sistema gastrointestinal humano.

O IFG, assim como a comunidade Engenho II, também apresenta grande número de elementos globais e a mobilidade é intensa. Entre os anos de 2013 e 2014, a maior parte dos/as alunos/as moravam em Anápolis, alguns/mas vinham de cidades vizinhas como Terezópolis de Goiás ou distritos de Anápolis como Branápolis, por exemplo. Já no que se refere ao corpo docente e administrativo, o quadro encontrado foi um pouco diferente. Muitos/as professores/as e funcionários/as moravam na capital, Goiânia, e viajavam todos os dias para Anápolis para trabalhar. Além disso, conversando com as pessoas que frequentavam o instituto, pudemos notar que muitas são migrantes de várias regiões do país ou descendem de migrantes que se deslocaram para Anápolis por vários motivos, como por exemplo, a instalação da Base Aérea na cidade.

Pensando o espaço interno do instituto e o bairro no qual está localizado, e novamente com base nas análises realizadas por Blommaert e Maly (2014), podemos identificar algumas camadas de paisagens linguísticas que compõem a estrutura local e podem ser vistas por meio de recursos escritos semiotizados disponíveis em espaço público, alterando a infraestrutura local. Esses recursos são parte da materialidade discursiva eficaz para produzir escalas, comparações de dimensões espaço-temporais horizontais ou verticais, na ordenação interacional – que atores sociais se apresentam em que espaço/tempo, para quem se dirigem (que comunidades interacionais?), como se dirigem (com que recursos?), que efeitos produzem nessas interações (CARR; LEMPert, 2016).

Seguindo os estudos de Blommaert e Maly (2014), podemos responder a essas perguntas descrevendo as paisagens linguísticas como camadas direcionadas para certas comunidades interacionais, algumas voltadas para a comunidade interna aos campos, outras para a comunidade externa, e outras se voltam para ambas ou para a sua integração.

Dentre as camadas que se voltam para a comunidade interna, temos na comunidade Engenho II uma voltada para população local e outra para as atividades religiosas. No IFG pode-se identificar uma camada voltada para a comunidade acadêmica.

No Engenho II, a camada que aponta para a produção linguística voltada para a população em escala local pode ser observada em vários ambientes, como as paredes da escola, avisos escritos em paredes, entre outros. Nessa produção escrita, nenhuma é bilíngue e a escrita segue diferentes padrões ortográficos da língua portuguesa, com recursos semióticos variados, tendo diferenças de *layout* do material escrito. Como exemplo, podemos notar que existem escritas informativas em paredes externas (figura 9), cartazes impressos (figura 10) e escritos à mão (figura 13), recados e nomes escritos em paredes de banheiros (figura 12), ícones indicativos de banheiro feminino e masculino por meio de figuras que indicam uma menina e um menino negros/as (figura 11).

Figura 9 – Sinalização de ponto de ônibus



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014. Aviso escrito a mão na parede da casa do líder Kalunga.

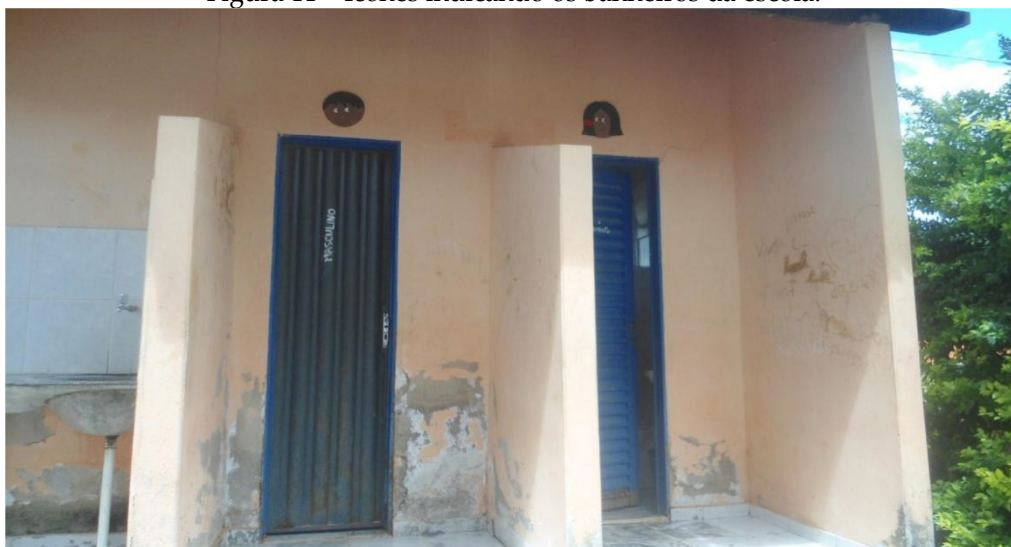
Figura 10 - Cartaz de divulgação.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Cartaz afixado na parede da escola divulgando lançamento de material produzido pela UNB sobre festejo Kalunga de Senhora D'Abadia no Vão de Almas.

Figura 11 – Ícones indicando os banheiros da escola.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Ícones que indicam os banheiros feminino e masculino na escola.



Figura 12 – Escritas nas paredes.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Escritas a mão produzidas por alunas/os nas paredes do banheiro da escola.

Figura 13 – Trabalhos escolares.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Trabalhos de alunas/os sobre espaço urbano e espaço rural. Cartazes afixados na parede da escola.

Os materiais escritos e semiotizados que estão presentes nas paredes da escola têm como efeito a constituição de interlocutor(a) local. São voltados principalmente para professores/as e alunos/as, pois, apesar de aberta para a entrada de quem está na comunidade, a escola não faz parte do roteiro de visitas dos/as guias turísticos que atendem aos/às visitantes. Produções escritas como a registrada pela figura 9 também são voltadas para quem vive na comunidade, pois trata-se de uma informação sobre o ponto de ônibus escrita à mão na parede de uma casa, e o ônibus que passa pelo ponto que ela sinaliza é usado, principalmente, por moradores/as, pois não são apresentadas informações sobre ele nos materiais produzidos para o turismo. No entanto, tratam-se de produções escritas em espaços públicos e podem ser vistas por todas as pessoas que passam pelo local, e caso qualquer pessoa de fora da comunidade pergunte sobre os horários, os/as moradores/as informam com tranquilidade os horários e datas de funcionamento do ônibus e o uso desse transporte não é vetado.

Mais uma camada visível é a de produções linguísticas voltadas para as atividades religiosas, que atendem, em geral, em escala local e estão representadas nos espaços da igreja católica e da igreja evangélica (figura 14). As características dessa camada são escritas públicas sintéticas, como placa acima do portal de igreja evangélica, ou recursos semióticos religiosos, como crucifixo e sino na igreja católica. Há ainda índices de infraestruturas que indiciam quando e como as interações acontecem nesses espaços, como os refletores de iluminação noturna e a antena por satélite na casa pastoral.

Segundo os/as moradores/as, a igreja católica está presente há mais tempo na comunidade, mas funciona esporadicamente, pois há apenas um padre, que não vive na comunidade, para atender toda a região dos Kalunga e também as cidades vizinhas. Já a igreja evangélica, instalada há menos tempo, realiza suas atividades constantemente e conta com a casa pastoral ao lado da igreja onde o pastor, que é migrante na comunidade, reside. De acordo com os relatos de moradores/as, apesar

de lidarem com o discurso de preservação da tradição e cultura pelo pouco contato com o branco, não há prática de religiões de matriz africana ou afro-brasileira na comunidade.

Figura 14 – Igrejas.



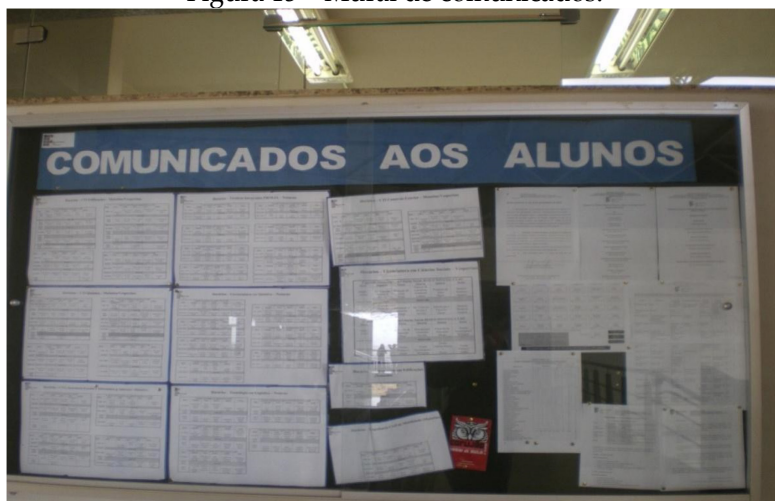
Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Acima igreja católica no centro do povoado em frente à escola. Abaixo igreja evangélica Assembleia de Deus Engenho II (em dois ângulos) situada em próximo à área de camping e a um dos restaurantes.

No IFG, a camada direcionada à comunidade acadêmica é bem ampla e visível por todo o instituto. São placas e avisos escritos em língua portuguesa para alunos/as, professores/as e funcionários/as com os conteúdos mais diversificados tais como: avisos (figura 15), oportunidades (figura 16), lembretes, horários, divulgações. A

maioria deste tipo de material inclui recursos escritos longos em língua portuguesa, que exigem um grau de letramento próprio do meio acadêmico. Mas também existem placas que orientam a localização de salas, laboratórios, sanitários, biblioteca, auditório, entre outros locais do instituto, materiais escritos que contêm imagens e outros recursos semióticos conhecidos e de rápida interpretação, como a logomarca do Instituto e ícones de feminino e masculino nos banheiros (figura 17), além de sublinhados, negritos ou cores para destacar partes centrais nos textos escritos (figura 18). A maioria desses sinais são direcionados para a comunidade acadêmica, no entanto, podem servir a quem mais estiver no local, ainda que eventualmente.

Figura 15 – Mural de comunicados.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Figura 16 – Mural de oportunidades de emprego e estágio.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Figura 17 – Ícones de identificação dos banheiros



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Figura 18 – Placas de indicações de locais.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

No que se refere a escritos produzidos para alunos/as e servidores, a rede social na qual se encontra a página do instituto também é bastante usada e comporta um conteúdo extenso de material que é atualizado constantemente.

Pensando nas camadas voltadas ao público externo podemos citar no Engenho II a camada que se volta para o turismo local e no IFG a camada direcionada às produções destinadas à comunidade externa.

Na comunidade Kalunga, a camada que indicia o turismo, uma atividade de tensão escalar local-nacional-internacional, é perceptível em toda a comunidade, principalmente em sua parte central, próxima à casa do líder da comunidade e ao CAT – Centro de Atendimento ao Turista (figura 23), onde estão presentes diversas placas que indicam a presença de *camping* e restaurantes para turistas (figuras 19 e 20), placas sobre a cultura Kalunga (figura 22) e loja de artesanato local (figura 21).

Figura 19 – Placas de indicação de restaurantes.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Placas manuais e confeccionadas pelo governo federal.

Figura 20 – Placas de indicação de restaurantes e camping.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Placas confeccionadas pelo financiamento do governo federal para o projeto Kalunga Sustentável.

Figura 21 – Loja de artesanato ao lado do Centro de Atendimento ao Turista – CAT.



Fonte: acervo da pesquisadora primeira autora. Junho de 2014.

Figura 22 – Placas sobre cultura Kalunga.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Placas confeccionadas pelo financiamento do governo federal para o projeto Kalunga Sustentável. As placas estão posicionadas em frente ao CAT.

Figura 23– Placas indicando o CAT.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Placas confeccionadas pelo financiamento do governo federal para o projeto Kalunga Sustentável. Placas bilíngues e monolíngues indicando o CAT.



As figuras indiciam a modernização para atender à nova demanda do turismo de herança e ecológico. Placas do governo federal estão por toda parte e há grande variedade de material escrito e semiotizado. As placas do CAT foram mudando em camadas históricas das paisagens linguísticas, indiciando o tempo no espaço. Na figura 23 podemos ver placas com aparência mais desgastadas indicando sua antiguidade em relação a uma placa mais nova e bilíngue indiciando a presença (passada, presente ou futura) de turistas estrangeiros e da expectativa de seu aumento com a realização da Copa do Mundo de Futebol no ano de 2014 e das Olimpíadas em 2016, que prometiam aquecer o turismo no Brasil. Também podemos retomar às figuras 5 e 6 (início desta seção) em que se pode perceber o multilinguismo também na produção *online*, pois a página da comunidade no *Facebook* foi criada em inglês e recebe postagens em português e até em francês (figura 7). A placa bilíngue, em língua portuguesa escrita padrão e em língua inglesa, juntamente com a página em inglês que recebe *posts* escritos em português e francês, forjam performativamente, no sentido dado por Carr e Lempert (2016), uma escala internacional de interlocução.

Pensando como Jacquemet (2016), na chamada globalização cultural temos pessoas móveis e tecnologias digitais que proporcionam a mobilidade de informações. Tal mobilidade de pessoas causa dois efeitos: 1) pessoas adquirem uma variedade de recursos linguísticos; e 2) aumenta a demanda por pessoas com habilidades multilíngues. Podemos notar na placa do CAT (figura 23) e na página do *Facebook* (figuras 5, 6 e 7) a demanda por uma língua estrangeira para atender ao turismo, ao mesmo tempo em que é possível observar placas monolíngues em língua portuguesa escrita padrão disputando espaço com uma nova placa bilíngue em língua portuguesa escrita padrão e língua inglesa escrita padrão (figura 23). Esse conjunto, apesar do discurso de tradição local, reclassifica escalarmente pessoas e recursos linguísticos, criando a demanda por novas habilidades linguísticas e produzindo performances

linguísticas altamente complexas em que a diversidade linguística disputa espaço com o discurso de performances tradicionais e herança ancestral.

No IFG, a camada de produções escritas e semiotizadas voltadas para a comunidade externa é menos aparente dentro do campus, mas pode ser notada nas oportunidades de cursos de curta duração que tenham como público alvo a comunidade local. No campus, o material escrito dessa camada direcionada à comunidade externa concentra-se em áreas externas da estrutura física (figuras 24 e 26). No entanto, o principal suporte desse tipo de material escrito é a *internet*, no *site*, mas principalmente na página destinada à instituição na rede social *Facebook*. Lá é possível ler material de divulgação de diversas atividades abertas ao público externo como eventos, processos seletivos para estudar ou atuar em algum curso (figura 25) e projetos diversos que se voltam para a comunidade externa (figura 27).

Figura 24 – Mural do Centro de Seleção.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Convocação para vagas do PROEJA. Mural situado próximo à entrada do campus.

Figura 25 – Divulgação do vestibular na página de rede social.




Fonte: página IFG Campus Anápolis no Facebook. Acesso em: 10 maio 2015.

Figura 26 – Divulgação do vestibular na portaria do IFG.




Fonte: página IFG Campus Anápolis no Facebook. Acesso em: 10 maio 2015.

Figura 27 – Divulgação de oferta de curso pelo PRONATEC.



**INSTITUTO FEDERAL  
GOIÁS  
Câmpus Anápolis**



**PDE | PRONATEC**  
PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO  
AO ENSINO TÉCNICO E EMPREGO

O IFG Câmpus Anápolis abre inscrições para o **Curso FIC em Assistente de Produção Cultural**, por meio do BF-PRONATEC. São 20 vagas, para quem possui o Ensino Médio Incompleto, e recebe Bolsa Família, Seguro Desemprego, possui CAD Único ou é aluno da Rede Estadual de Educação.

**Inscrições:** Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda, ao lado do Terminal Urbano, no SINE ou na Subsecretaria Estadual de Educação  
**Local do Curso:** Escola Municipal Rosevir Ribeiro de Paiva, Av. Brasil Sul  
**Dias da semana:** Segunda a quinta-feira, das 18h30 às 22h  
**Carga Horária:** 210 horas  
**Início das aulas:** 10 de março de 2014.

**Assistente de Produção Cultural**  
 Auxilia na implementação de projetos de produção de espetáculos artísticos e culturais (teatro, dança, ópera, exposições e outros), audiovisuais (cinema, vídeo, televisão, rádio e produção musical) e multimídia.

Fonte: página IFG Campus Anápolis no Facebook. Acesso em: 10 maio 2015.

É possível que algumas das produções apresentadas acima sejam direcionadas especificamente para a comunidade externa ao IFG, como o *post* que informa que os cursos ofertados são direcionados para quem possui Ensino Médio Incompleto e recebe Bolsa Família (figura 27). Essa informação, destinada para quem ainda não ingressou em algum curso deste tipo de instituição, visa o contato com a comunidade externa e a integração com ela, por meio do incentivo para que realizem inscrições para os processos seletivos abertos periodicamente.

Como pode ser observado nas figuras anteriores, os textos são escritos em língua portuguesa padrão, em geral são curtos (exceto o da figura 27) e se concentram em informações. Alguns recursos são utilizados, como ilustrações nos cartazes, cores e palavras com a fonte em negrito para destacar alguns pontos das informações.

Uma grande parte dos materiais escritos e semiotizados presentes nos dois campos se direcionam ao mesmo tempo para comunidade interna e externa ou para a interação entre as duas. Na comunidade Kalunga são duas camadas: uma voltada para projetos do governo e outra para a instalação de empresas dentro da comunidade. No

IFG temos três camadas: uma camada voltada para a educação no trânsito, uma para oferta de produtos e serviços e outra para projetos do governo.

Na comunidade Engenho II a camada que se destaca é a produção que se volta para os projetos do governo municipal e federal dentro da comunidade. Podemos notá-la por meio da presença da escola estadual, que funciona em um prédio construído pela prefeitura municipal (figura 28), e a intensa intervenção do governo federal por meio de unidades de saúde (figura 29), o próprio CAT (figura 23), as placas que indicam financiamentos diversos, como a da construção dos banheiros públicos da comunidade (figura 30), e presença de uma Casa Digital (figura 31), destinada a promover acesso à internet para alunos/as e moradores/as. Durante as visitas da primeira autora à comunidade, a Casa Digital não esteve em funcionamento, mas de acordo com alunas que colaboraram para a pesquisa, ela já funcionou durante um tempo, mas depois foi desativada. As principais características das inscrições dessas camadas é que são escritas em língua portuguesa padrão e as placas são confeccionadas em gráficas profissionais, além de escritas públicas sintéticas indicando os locais como o nome da Unidade de Saúde e o banheiro público.

Figura 28 – Escolas Kalunga.



Fonte: acervo da primeira autora. Abril de 2014 e julho de 2013.  
Prédios da escola municipal onde também funciona escola estadual.

Figura 29 – Unidade de Saúde da comunidade.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Figura 30 – Banheiro público.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Banheiro público referente ao investimento construído na parte externa da casa de um morador. Os banheiros públicos construídos com o investimento do governo federal são denominados como “banheiro Kalunga” e seguidos de numeração.

Figura 31 – Casa Digital.



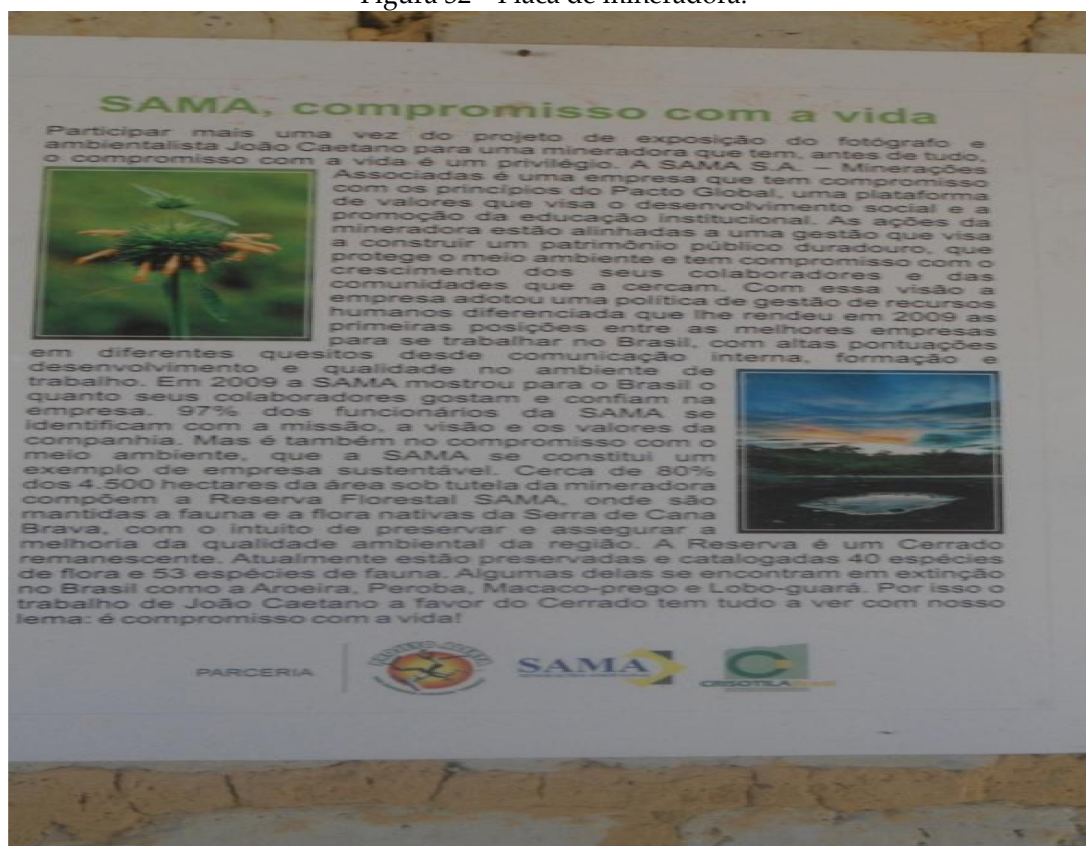
Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.

Construída por um projeto de inclusão digital do governo federal funcionava com computadores conectados à internet. A casa esteve desativada durante todas as visitas realizadas para esta pesquisa.

Há ainda a camada que se volta para a instalação de empresas na comunidade. Uma mineradora estava começando atividades no local e tem produzido material escrito e semiótico sobre a área natural da comunidade. Essas produções linguísticas podem ser vistas nas paredes externas da casa de um morador que vende refeições para turistas e pesquisadores/as que estejam visitando a comunidade (figura 32). As placas estão concentradas na casa do referido morador e apresentam fotos da natureza no território Kalunga, e em uma das paredes há uma placa impressa maior que as fotos, escrita em língua portuguesa padrão, ressaltando as qualidades da região do

projeto e em seguida explicando que a instalação da empresa mantém o compromisso de preservação do meio ambiente.

Figura 32 – Placa de mineradora.



Fonte: acervo da primeira autora. Julho de 2014.

Placa afixada na parede externa da casa de um morador sobre trabalho da Mineradora dentro do território Kalunga.

No IFG há a camada identificada como focada na educação para o trânsito que utiliza praticamente recursos semióticos, não se concentrando na língua portuguesa escrita, pode ser vista na faixa de pedestres em frente ao Campus e posteriormente na instalação de um radar de velocidade (figura 33), pois a avenida onde está localizado é uma via de trânsito rápido que dá acesso à rodovia. Assim, conforme relatos das pessoas que frequentam o campus, era comum que carros de passeio e muitos caminhões passassem no local em alta velocidade, o que dificultava a travessia e chegou a ocasionar um acidente que envolveu uma aluna do campus no período em



que a primeira autora atuou como docente no local. A demanda para a instalação do radar se deu, principalmente, pelo aumento do número de pedestres atravessando a avenida diariamente durante o funcionamento do instituto. No entanto, essa sinalização atende também à quantidade crescente de moradores/as que residem nos conjuntos habitacionais próximos e a motoristas que por ali passem. Essa camada é muito importante porque indica que o instituto tem alterado a paisagem linguística da região onde foi inserido e afetado em níveis variados os recursos semióticos disponíveis na sua área de ocupação, fazendo aquilo que Carr e Lempert (2016, p. 9) destacam: “os limites e as relações sociais dos eventos são forjados, calculados e classificados pelos atores através de sua prática discursiva”<sup>19</sup>.

Figura 33 – Radar de velocidade.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Em frente ao IFG e ao IML.

---

<sup>19</sup> No original: “event-boundaries and social relations are forged, figured, and sorted by actors through their discursive practice”.

Outra camada que ao mesmo tempo é interna ao instituto e também afeta performativamente a área da cidade em que ele está instalado é a que se volta para a oferta de produtos e serviços nas imediações. O bairro, que abriga um dos cemitérios da cidade, o IML e conjuntos de residências, também ganhou restaurante e lanchonete (figura 34) algum tempo após a chegada do Instituto, sendo muito frequentado, já que muitas atividades do instituto são realizadas em tempo integral. As pessoas que antes tinham que se deslocar para um local onde houvesse restaurante, solicitar entrega ou levar suas refeições de casa, na ocasião da geração da realização desta pesquisa já tinham também a opção de fazer suas refeições em um restaurante em frente ao instituto ou na lanchonete que fica dentro dele. Uma pequena loja de produtos de papelaria e com serviço de fotocópia (figura 35) também foi instalada no interior do instituto para atender à demanda da comunidade acadêmica. No entanto, o restaurante também pode atender pessoas que estejam trabalhando em outros segmentos, como funcionários do IML, ao lado do restaurante. Na ocasião da geração desses dados, o restaurante ainda não possuía uma fachada e se apresentava com apenas uma faixa indicando que há um restaurante naquele local. A loja de materiais escolares e fotocópia não apresentava placas nem qualquer tipo de sinalização e é identificada pelas pessoas pelo balcão que fica embaixo de uma tenda. Assim, não fazem uso de recursos escritos para indicar a sua presença ao público.

Figura 34 – Restaurante e lanchonete.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Em frente ao IFG e ao lado do IML.

Figura 35 – Loja de materiais de papelaria e fotocópia.



Fonte: acervo da primeira autora. Junho de 2014.  
Situada no interior do campus.

Ainda há uma camada que visa a integração da comunidade externa com a acadêmica. Programas do governo federal como o PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) (figura 27) e o Mulheres Mil (figura 36) oferecem vários cursos que atendem pessoas que anteriormente não mantinham nenhum tipo de contato ou vínculo com a instituição. Os textos voltados para esta camada são em língua portuguesa escrita padrão e estão em suporte digital e impresso, pois são encontrados principalmente na rede social, mas também em cartazes impressos, apesar de tais cartazes serem menos frequentes. Há predominância de texto escrito nesses cartazes, mas são utilizados recursos de cores e logomarcas para dar destaque aos nomes dos programas, por exemplo.

Figura 36 - Divulgação do resultado de seleção do programa Mulheres Mil.



Fonte: página IFG Campus Anápolis no Facebook. Acesso em 10 de mai de 2015.

É importante considerar que algumas camadas estão sujeitas a mudanças rápidas enquanto outras permanecem relativamente estáveis por mais tempo. A camada mais dinâmica e mutável é a que caracteriza a mobilidade. No entanto, diferentes historicidades convivem no mesmo espaço social (BLOMMAERT; MALY, 2014). As produções escritas voltadas para o turismo na comunidade Kalunga têm se apresentado bastante dinâmicas e mutáveis. A necessidade de produzir material escrito e semiótico para atender a essa demanda tem se mostrado grande, exemplos disso são a inclusão já mencionada de uma placa bilíngue em português e inglês em um local onde já havia uma placa com a mesma informação em português (figura 23) e a criação recente de páginas em uma rede social que operam com mais de uma língua e são capazes de gerar publicações de grande alcance espaço-temporal (figuras 5, 6 e 7).

Camadas com mais direcionamento para a comunidade local são mais permanentes e caracterizam menos mobilidade como é o caso da escrita sobre o ponto de ônibus na parede da casa (figura 9) e os ícones da igreja católica que, pelas condições estruturais, já estão há bastante tempo no local (figura 14). No entanto, as produções linguísticas nas paredes da escola, apesar de terem sido consideradas como produções

mais voltadas para a comunidade também estão em mudança, pois remetem às interações da comunidade com instituições externas, como o cartaz sobre o evento de lançamento de um documentário sobre o festejo de Senhora D'Abadia no Vão de Almas em uma escola da cidade de Cavalcante e na Universidade de Brasília – UNB (figura 10). Além disso, os trabalhos escolares dos alunos estão em consonância com os temas tratados na atualidade e na figura 13 podemos ver produções escritas e semiotizadas dos/as alunos/as com a temática do espaço urbano e rural. A antena parabólica presente na escola e também em muitas casas é um ícone da disseminação de informação em tempo real, indiciando o contato linguístico e cultural intenso.

Já no IFG, as camadas se mostram sempre mutáveis seja para atender as demandas por alterações de infraestrutura, como é o caso da camada voltada para a educação no trânsito e para a oferta de produtos e serviços, seja para a interação entre a comunidade interna e externa, por meio de cartazes, avisos e postagens na *internet* que estão sempre sendo atualizadas. Também é possível ressaltar a presença de materiais linguísticos tanto no ambiente *offline* quanto no *online* nos dois campos sejam eles chamados rurais ou urbanos.

## 5 Conclusões

A possibilidade do mesmo tipo de análise para a mudança de infraestrutura nos dois contextos sugere que, apesar de diferentes, os dois contextos não ocupam extremos opostos. Ambos possuem muita interação entre pessoas diferentes em situação de mobilidade variada e estão passando por mudanças constantes provocadas por suas demandas. Além disso, ambos são afetados pelos processos de globalização e possuem em suas paisagens linguísticas material semiótico diversificado.

É possível ainda assinalar mais um ponto que parece aproximar os contextos chamados “rural” e “urbano”, colocando em dúvida a tradicional dicotomia

apresentada por muitos estudos e evidenciando que as pessoas usam a linguagem para produzir escalas como efeitos pragmáticos em suas interações. No IFG pode parecer evidente mencionar a presença de aparelhos eletrônicos e conexão à internet e às informações dos meios de comunicação de maneira muito rápida e constante. Em geral, sabe-se que adolescentes que vivem no espaço urbano costumam assistir televisão, inclusive por meio de antenas satélite, e utilizar aparelhos eletrônicos e móveis em casa, na rua e também na escola. No entanto, quando se fala em espaço rural, em aldeamentos ou povoados, há uma crença de que esses locais vivem em um certo isolamento e demoram mais a receber informações de mídia ou assumir comportamentos característicos de algum grupo social emergente. A própria descrição do povo Kalunga no *site* da associação explora essas crenças sobre o isolamento recentemente encerrado, constituindo um movimento escalar dos mais interessantes entre o mais isolado local da “tradição”, enquanto mobiliza recursos linguísticos diferentes do português para se posicionarem no mais internacional do turismo para estrangeiros.

Sendo assim, olhando para as paisagens linguísticas que compõem este artigo, é possível inferir que os efeitos da globalização estão presentes nos centros urbanos, como era esperado, e também em locais caracterizados como rurais. Os cenários de interações também são altamente complexos e mediados por informações de mídia variadas. A presença de antenas parabólicas e via satélite, acesso à internet em algum momento, sinal de telefonia móvel e a produção de material linguístico e semiótico voltado para um público diverso, incluindo uma página mais recente em rede social com título em inglês, mostram que o povoado quilombola vive intensamente em contato com pessoas móveis e práticas linguísticas diversas.

Apesar de o telefone celular e o acesso à *internet* não serem elementos tão frequentes que podem ser notados em todos os momentos do dia de moradores/as da área rural, em comparação com a área urbana, há na comunidade outros elementos de

conexão global como a televisão da escola e das casas; as placas apresentadas anteriormente; carros de passeio; e antenas parabólicas e via satélite que se misturam a elementos locais como telhados de palha ou taipa em construções (observável na figura 6) e criação de gado em plena área de moradia. Assim, notamos que tais processos de globalização são possibilitados pela presença dessa infraestrutura de globalização que produz mudanças escalares em “conexões entre os processos locais e translocais” (WANG *et al.*, 2014, p. 7)<sup>20</sup>, ainda que possamos perceber que a distribuição dessa infraestrutura é desigual.

A distribuição de tais infraestruturas não é necessariamente democraticamente organizada, e áreas periféricas podem ser caracterizadas por um acesso parcial a infraestruturas específicas para a globalização, diferindo de grau da concentração esmagadora dessas infraestruturas nas cidades globais (WANG *et al.*, 2014, p. 29)<sup>21</sup>.

Ainda assim, podemos perceber no contexto da Comunidade Engenho II a presença dos três elementos que caracterizam os processos de globalização nas margens: “novas mídias e tecnologias de comunicação, novas formas de atividade econômica, especificamente chamadas de centros de turismo de herança, e produções e formações de identidades locais” (WANG *et al.*, 2014, p. 30).<sup>22</sup>

Isso porque, apesar de menos frequente, o celular e a *internet* já chegaram à comunidade e os/as colaboradores/as da pesquisa tinham acesso regular à internet e mantinham perfis constantemente atualizados em redes sociais, incluindo a página turística da comunidade em inglês, pois compensavam o mal sinal local com o deslocamento frequente e regular para a cidade mais próxima.

---

<sup>20</sup> No original: “connections between purely local events and translocal processes.”

<sup>21</sup> No original: “The distribution of such infrastructures is not necessarily democratically organized, and peripheral areas can be characterized by partial access to specific infrastructures for globalization, differing by degree from the overwhelming concentration of such infrastructures in global cities.”

<sup>22</sup> No original: “New media and communication technologies; (2) new forms of economic activity, specifically call centers and heritage tourism and (3) new (re)productions of local identity formations.”

A televisão e as antenas parabólicas ou satélite estão em muitas das casas, o que possibilita que o mesmo tipo de informação que se tem no espaço urbano chegue à comunidade rural, e isso pode ser muito notado também quando se conversa com qualquer pessoa na comunidade, pois os tópicos abordados remetem constantemente à informações obtidas por esses meios de comunicação.

Esse conjunto mostra os processos de globalização em pleno funcionamento em uma área chamada rural, inclusive interferindo e mudando a dinâmica do local. Se observarmos esses locais, veremos que não há razão para se excluir essas *margens* dos estudos que tratem sobre “análises dos processos de globalização e suas implicações sociolinguísticas”, pois “a globalização é uma transformação de todo o sistema mundial, e não só afetará os centros metropolitanos do mundo, mas também as suas margens mais remotas. Assim, encontramos efeitos de globalização também em lugares inesperados” (WANG *et al.*, 2014, p. 26).<sup>23</sup>

Dessa forma, podemos perceber que o material escrito em língua portuguesa padrão permeia as paisagens linguísticas nos dois contextos, assim como o uso de recursos semióticos com efeitos escalares translocais (como o caso da sinalização dos banheiros nas duas escolas), como também em forma de apoio ao material escrito, como em vários dos cartazes apresentados nas duas escolas. Apesar de algumas das produções presentes nos espaços públicos da Comunidade Engenho II serem escritas em língua portuguesa não padrão (como escritas manuais em paredes), a presença de materiais escritos na forma padrão e em suportes impressos (como cartazes e placas) é também muito visível, contando inclusive com produção bilíngue em língua portuguesa e língua inglesa, com efeitos escalares internacionais. Assim como as produções características do ambiente acadêmico predominante no IFG produz efeitos

---

<sup>23</sup> No original: “[...] from analyses of globalization processes and of their sociolinguistic implications. Globalization is a transformation of the entire world system, and it does not only affect the metropolitan centers of the world but also its most remote margins. Thus, we are bound to encounter globalization effects, also in highly unexpected places.”



escalares locais e translocais ao alternar os espaços *online* e *offline* nas camadas de paisagens linguísticas das suas comunidades de interação.

É importante ressaltar também o uso do suporte digital como meio de interação cujo principal efeito é a mudança de escala, na Comunidade Engenho II pelo *site* e página de rede social voltados para a promoção do turismo ecológico e de herança (contato com a comunidade externa) e no IFG pelo *site* e pela página na rede social voltados para a interação com a comunidade interna e externa.

Nossa análise justifica a importância de se considerar nos estudos de paisagens linguísticas não apenas os materiais disponíveis em ambiente *offline*, mas também o que é produzido *online* que compõe a produção escrita e semiótica atual. Para Blommaert (2016):

Signos no espaço público - o objeto dos Estudos de paisagens linguísticas - são conservadoramente, mesmo estereotipicamente, definidos como signos impressos no espaço físico "offline", dentro de configurações de espaço de tempo claramente demarcadas. Não vejo um potencial ilimitado para a expansão teórica e metodológica nesse domínio convencional, mas vejo tal potencial quando consideramos também os signos nas arenas públicas "virtuais" em que todos nós estamos profundamente socializados e nos quais passamos grande parte de nossas vidas atualmente. É a maneira pela qual os novos modos de comunicação se fundem e interagem com os antigos, e assim remodelam as economias comunicativas existentes em todos os níveis da vida social e das metrópoles às margens do mundo, que devem nos preocupar (BLOMMAERT, 2016, p. 8).<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> No original: "Signs in public space - the object of LLS - are conservatively, even stereotypically, defined as hard-copy signs in physical "offline" space, within clearly demarcated time/space configurations. I do not see an unlimited potential for theoretical and methodological expansion in that conventional domain, but I do see such potential when we also consider signs in the "virtual" public arenas in which all of us are presently profoundly socialized, and in which we spend large chunks of our lives these days. It is the way in which the new modes of communication merge and interact with old ones, and so reshape existing communicative economies at all levels of social life and from metropolises to margins in the world, that should concern us."

Esses resultados corroboram a argumentação de que ambientes heterogêneos, complexos e diversos formam a globalização cultural hoje, onde é muito difícil se pressupor práticas linguísticas e promover generalizações e afirmações sobre determinados territórios.

Com tantas coisas em comum nos dois campos pesquisados – ambiente globalizado, intervenção governamental, informações de mídia em tempo real entre outras coisas – seria incoerente colocar os dois campos como opostos. Podemos considerá-los sim diferentes, mas não em uma dicotomia e sim num continuum de diversificação das complexas reordenações de camadas voltadas para diferentes audiências em escalas, em espaços e tempos.

Os estudos de paisagens linguísticas (BLOMMAERT, 2013; SHOHAMY; GORTER, 2009) articulados com as teorias sobre o mundo globalizado e sobre os processos de globalização nas margens, como locais rurais (WANG *et al.*, 2014), e com uma perspectiva pragmática de escala (BLOMMAERT, 2010, 2013; CARR; LEMPERT, 2016; JACQUEMET, 2016) ajudam a explicar a linguagem num mundo mais complexo, onde não há possibilidade de se pressupor práticas linguísticas características a um determinado povo ou comunidade considerando demarcações geográficas, estereótipos culturais ou prefigurações identitárias (PINTO, 2013).

### Referências Bibliográficas

ANÁPOLIS, **Aspectos Geográficos.** Disponível em: [www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/aspectos-geograficos](http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/aspectos-geograficos). Acesso em: 30 set. 2014.

ANÁPOLIS, **Economia.** Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/economia/>. Acesso em: 30 set. 2014.

BATISTA, T. E. P. **Globalização em Paisagens Linguísticas e Usos de Marcadores Discursivos: Policentricidade, Escalas e Metapragmática nas Práticas Linguísticas de Jovens Urbanos e Quilombolas.** 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2015.

BATISTA, T. E. P. **Desestabilizando “Urbano” e “Rural” em Paisagens Linguísticas no Centro e nas Margens dos Processos de Globalização**. 2016. 77 f. Monografia (Curso de Letras Bacharelado - Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2016.

BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, Quilombos: Modos e significados**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

BLOMMAERT, J. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. **Annual Review of Anthropology**, v. 44, p. 105-116, 2015. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-014035>

BLOMMAERT, J. **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2013. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

BLOMMAERT, J. The conservative turn in Linguistic Landscape Studies. **Ctrl+Alt+Dem. Research on alternative democratic life in Europe**. Disponível em: <https://alternative-democracy-research.org/2016/01/05/the-conservative-turn-in-linguistic-landscape-studies/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511845307>

BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic Linguistic Landscape Analysis and social change: A case study. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 100, p. 1-28, 2014.

BLOMMAERT, J.; VARIS, P. The importance of unimportant language. **Multilingual Margins: A journal of multilingualism from the periphery**. 2015.

CARR, E. S.; LEMPET, M. Pragmatics of Scale. *In: Scale: Discourse and Dimensions of Social Life*. Oakland: University of California Press, 2016. p. 1-21. DOI <https://doi.org/10.1525/9780520965430>

CORREA, H. T.; DIAS, D. R. Multiletramentos e usos das tecnologias digitais da informação e comunicação com alunos de cursos técnicos. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 241-262, ago. 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/010318134964176471>

FREITAG, R. M. Ko. **Metodologia de coleta em manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOAMCMDS>

GOIÁS, **Quilombolas**. Disponível em: <http://www.goias.gov.br/paginas/conhecagoias/povo-goiano/quilombolas>. Acesso em: 30 ago. 2015.

HELLER, M. The Commodification of Language. **Annual Review of Anthropology**, v. 39, p. 101-14, 2010. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.012809.104951>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Informações sobre os municípios brasileiros**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em: 23 set. 2015.

JACQUEMET, M. Language in the Age of Globalization. *In*: BONVILLAIN, N. (ed.). **The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology**. London: Routledge, 2016. p. 329-347.

LANZA, E.; WOLDEMARIAM, H. Language ideology and linguistic landscape: Language policy and globalization in a regional capital of Ethiopia. *In*: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (ed.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 189-205.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTIS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto Kuanza, 2007. p. 117-125.

PARÉ, M. L.; OLIVEIRA, L. P. de; VELLOSO, A. D.. A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO). **Cadernos do CEDES**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 215-232, ago. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-32622007000200007>

PINTO, J. P. Prefiguração identitária e hierarquias linguísticas na invenção do português. *In*: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 120 – 143.

PINTO, J. P. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 199-221, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445000598096269281>

PRETI, D. **Sociolinguística: os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RAMPTON, B. **Language in Late Modernity. Interaction in an Urban School**. New York: Cambridge University Press, 2006. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486722>

SCOLLON, R.; SCOLLON, S. W. **Discourses in place. Language in the material world**. London e New York: Routledge, 2003. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203422724>

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (ed.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York: Routledge, 2009. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203930960>

SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 6, 1024-1054, 2007. DOI <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

WANG, X. *et al.* Globalization in the margins: toward a reevaluation of language and mobility. **Applied Linguistics Review**, v. 5, p. 23-44, 2014. DOI <https://doi.org/10.1515/applirev-2014-0002>

Artigo recebido em: 30.11.2019

Artigo aprovado em: 10.06.2020